



Jornalismo e literatura: uma análise da produção textual do cronista Plínio Marcos no Jornal da Orla, 1999

Journalism and literature: an analysis of the textual production of the chronicler Plínio Marcos in Jornal da Orla, 1999

Sergio Arruda de Moura¹
Mozarth Dias de Almeida Miranda²

Resumo

Este artigo tem o objetivo de elucidar aspectos do texto de Plínio Marcos publicados na coluna “Janela Santista” no decorrer de 1999. O trabalho cria conexões entre o jornalismo, a literatura e o formato peculiar do cronista. Buscamos, através dos autores pesquisados, entender como o estilo de Plínio se comunica com o jornalismo literário e propõe um novo diálogo com o público utilizando personagens reais e fictícios, até transportando o teatro para o jornal, e, assim, contando a história de outro jeito.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Plínio Marcos. Jornal da Orla. Gêneros textuais.

Abstract

This article aims to elucidate Plinio Marcos Text aspects published in the “Santista window” during 1999. The work creates connections between journalism, literature and the peculiar shape of the chronicler. We seek through the authors surveyed understand how the style of Plinio communicates with the literary journalism, proposes a new dialogue with the audience, using real and fictional characters, even carrying the theater for the newspaper, and so, telling the story the other way.

Keywords: Literary journalism. Plinio Marcos. Jornal da Orla. Textual genres.

Introdução

No contato com as colunas dominicais publicadas em 1999, último ano de produção de Plínio Marcos no Jornal da Orla, reconhece-se a sua criatividade no uso da linguagem da “malandragem” e na construção de personagens desprezados pela sociedade, e a decadência do teatro na cidade de Santos, que ainda vive em sua memória.

Plínio apresenta histórias com pessoas e lugares que conheceu, buscando o “efeito de realidade” tão peculiar no discurso jornalístico. Ele traça paralelos entre o passado e o fato atual. Assim, chegamos a um aspecto de sua produção jornalística: o desenvolvimento do gênero jornalístico crônica e, em menor intensidade, encontramos características do conto e da coluna.

Plínio Marcos é mais conhecido como dramaturgo, por isso, fez-se necessário buscar a relação entre o jornalismo, os personagens do texto e a conexão com a realidade que ele “costura” no papel. Consultamos autores como Marcelo Bulhões, Edvaldo Pereira Lima, Sérgio Arruda de Moura, Nelson Werneck Sodré, entre outros, para fundamentar as nossas percepções.

A referida pesquisa nos possibilita, por meio de uma abordagem teórico-interpretativa do *corpus*, adentrar ao campo literário e dos gêneros jornalísticos, simultaneamente. A dedicação acerca desse objeto de estudo necessita da aplicação das teorias do jornalismo, da literatura e abordagens da história da comunicação.

Neste trabalho expomos os pontos observados no levantamento bibliográfico a respeito da problemática dos gêneros jornalísticos, e a relação entre jornalismo e literatura de modo a entender como se dá a intersecção entre essa manifestações.

¹ Doutor em Literatura Comparada UFRJ

² Mestre Profissional em TV Digital UNESP.

Contato: arruda.sergio@gmail.com; mozarthdias@hotmail.com

Podemos acreditar que a análise interpretativa da produção jornalística que Plínio Marcos desenvolveu para o *Jornal da Orla*, entre os meses de janeiro e outubro de 1999, pode ser incrementada pela avaliação da atuação do autor em outros jornais e revistas, e também com o cotejo de sua produção teatral.

1 O casamento entre o jornalismo e a literatura

O jornalismo impresso e a literatura aproximam-se, intersectam-se, afastam-se, em particular desde a etapa histórica em que a imprensa ganha sua feição moderna, industrial, a partir da última metade do século XIX. Entre o jornalismo e a literatura havia em comum, nesses tempos da era moderna, o ato da escrita. Nessa obra, o autor afirma que, à medida que o texto evolui da notícia para a reportagem, surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem. Por uma condição de proximidade, estabelecida pelo elo comum da escrita, é natural compreender que, mesmo intuitivamente ou sem maior rigor metodológico, os jornalistas sentiam-se então inclinados a se inspirar na arte literária para encontrar seus próprios caminhos de narrar o real.

A confluência entre o jornalismo e a literatura, que acontecia no Brasil no final do século XIX, repousava no terreno comum da boemia literária. Mas esta sofre reverses a partir do instante em que o Rio de Janeiro modernizava-se, na virada para 1900, com a reforma urbana promovida por Pereira Passos, a qual terminará por refletir um contexto de mudanças sistêmicas que afetarão acentuadamente o eixo das relações imprensa-literatura.

A literatura e a imprensa se confundem até os primeiros anos do século XX. Muitos dos jornais abrem espaço para arte literária, produzem folhetins e suplementos literários. Segundo Lima (2004), os indícios da história confirmam que a imprensa se tornou veículo para divulgar a literatura. Assim, os escritores atingiam seu público e ganhavam notoriedade. “Então, teremos o escritor que, precisa escrever para a sua sobrevivência espiritual (...), em certos momentos e em certas figuras, também tem de escrever prevendo sua sobrevivência material” (MOURA, 2008, p.7).

Para Sodré (1977), os homens de letras buscavam no jornal um pouco de dinheiro. O *Jornal do Comércio* chegava a pagar de 30 a 60 mil réis por colaboração; já o *Correio da Manhã* chegava a remunerar até 50 mil. Basicamente, segundo o autor, os grandes nomes da literatura dos últimos 40 anos passaram pela mídia impressa.

O jornalismo absorve assim elementos do fazer literário, porém de forma camaleônica, transformando-os, dando-lhes aproveitamento direcionado a outro fim. A literatura está, até então, basicamente interessada na escrita. Mesmo quando representa o real pela ficção, a factualidade, concreta e efetiva – de acontecimentos, personagens e ambientes perfeitamente existentes e nominados, no espaço social verdadeiro – não é, na maioria dos casos, o item primordial. As exceções estariam com os livros de memórias, autobiografias e relatos de viagens. Mas, a grosso modo, de acordo com LIMA (2004), não há na literatura contemporânea aos primórdios da imprensa moderna atual a necessidade do “reportar” completamente o factual.

1.1 A vez do *New Journalism*

Lima (2004) nos revela que os Estados Unidos dos primeiros anos da década de 1960 viviam a grande efervescência das transformações sociais, comportamentais e culturais da contracultura e correntes paralelas, como a consciência negra, mas a literatura não alertava para isso. A cidade de Nova York, e, em particular, a Califórnia, transformavam-se nos laboratórios coletivos das experiências extremadas de ruptura com tudo o que representasse o *establishment*, o *status quo* de valores e modos de vida. Era, em linguagem sistêmica, o melhor exemplo de uma força de interesses ocasionais no sistema social americano em confrontação direta com os valores duradouros que tinham tornado os Estados Unidos uma grande nação, um país altamente industrializado, uma grande potência. Não existia uma luta face a face, e sim uma força que dava as costas à outra e se afastava em busca de seus próprios caminhos.

Por aí vão penetrando os pioneiros do novo jornalismo. Eles mergulharam cada vez mais fundo na realidade em rápida transformação, sentindo de perto e por dentro o pulsar da sociedade americana em conflito consigo mesma para o nascer de mais uma de suas múltiplas faces contemporâneas. Começam pelos *features*, mas, aos poucos, vão transformando até o ponto de não mais haver identificação com o modelo que lhes dá partida. Começam pelos jornais *Herald Tribune*, *Daily News* e *The New York Times*, crescem para as revistas dominicais desses periódicos, e depois amadurecem em revistas independentes, como *The New Yorker* e *Esquire*, veículos que contavam com Jimmy Breslin, Tom Wolf e Gay Talese. Em 1966, alcançam o Olimpo do estrelato narrativo do livro reportagem, tendo como marco inicial o livro *A sangue frio*, de Truman Capote, segundo Lima (2004).

A influência do *new journalism* se desdobraria em técnicas hoje empregadas, após essa última metade do século XX. A tradição do jornalismo literário conduziu uma cirurgia no jornalismo tradicional. Mesmo no Brasil, é

possível conjecturar que o novo jornalismo americano tenha influenciado dois veículos lançados em 1966, portanto no auge da produção dos novos jornalistas americanos, os quais se notabilizariam exatamente por uma proposta estética renovadora: a revista *Realidade*, considerada a nossa grande escola da reportagem moderna, e o *Jornal da Tarde*.

Na vanguarda desse movimento estava Plínio Marcos, um ator, criado em circo, conhecido como dramaturgo, e colaborador em diferentes jornais e revistas. Ele também fez parte dos expedientes da revista e do jornal citados acima, e, no final da carreira, contribuiu para as edições dominicais do *Jornal da Orla*. Em seu último ano de trabalho, 1999, colhemos 44 produções de janeiro a outubro. A partir daí, traçamos paralelo entre as características do jornalismo literário e o formato textual de Plínio.

2 As fronteiras entre o jornalismo e a literatura

Uma tendência imediata poderia afirmar que jornalismo e literatura pouco têm em comum. E, se é possível reconhecer a natureza de ambos, dificilmente se pode discordar de um juízo que identifica mais desacordos que afinidades, interpondo-se a imagem de um abismo. Partindo dessa perspectiva, Bulhões (2007) identifica pontos cruciais nessa relação entre as duas áreas e as diferenças entre as duas linguagens.

O primeiro ponto diz respeito à natureza do jornalismo como algo observável, comprovável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade. Com isso, prestaria uma espécie de testemunho do “real”, fixando-o e, ao mesmo tempo, buscando compreendê-lo.

O segundo: a natureza da literatura como linguagem verbal de uma dimensão em que ela não é meio, mas fim. Tomá-la como matéria em si, portadora de potencialidades expressivas. Na literatura, a linguagem é mera figurante, mas centro das atenções. Nesse sentido, se há algo para comunicar na literatura, esse algo só existe pelo poder conferido à conduta da própria linguagem. Não se trata exatamente de afirmar que não existe mundo algum, só importará se o verbal que o transmitir estiver transmutado, recriado, destituído de sua função costumeira, assim vem a constatação de que a razão de ser da literatura não é exatamente a comunicação. De acordo com Moura (2008: 5), o escritor emprega esse tipos para formar uma literatura que oscila, instável pra reforçar a relação com o jornalismo. “A condição do escritor oscila, pois entre um lugar, entre a integração e a marginalidade; a literatura é nutrida da irredutível instabilidade entre a miséria e a riqueza”, escreve, afirmando com isso que o cronista nutre a sua literatura do factualismo que ele apanha do dia a dia de sua atividade como jornalista.

O escritor-cronista que esse trabalho se dedica a pesquisar, oferece para o espaço no *Jornal da Orla*, nos dez meses pesquisados de 1999, o tom “histórico” da vida dele, ora com pessoas reais, ora com personagens que lhe renderam peças teatrais e crônicas que trazem o universo do submundo. O outro espaço é o da rua, dos cortiços, das vielas recônditas, do homem comum sobrevivendo de expedientes escusos, pequenas trapaças, onde o escritor constrói o seu lugar. João do Rio, cronista e jornalista, conhecia bem esses espaços do Rio de Janeiro da *Belle Époque* (MOURA, op. cit., p. 10). Para essa observação, destacamos o seguinte excerto da crônica “Afobado come cru ou queima a boca”:

O Pé de Bicho se arrependeu de naco ter avisado ao parceiro que era pra não levar revólver. Pra ele, que era escolado por mil e um pererecos, pra ele, que varejou desde pivete por todas as encolhas, a atitude do companheiro não tinha mistério. O fato de o Zuzu levar a draga e arrotar valentia não engrupia. Era medo puro. E, percebendo isso, o Pé de Bicho escamava. Na verdade, o seu único medo era trambicar com parceiro medroso. [...] Por isso, ficou com a pulga atrás da orelha, quando o Zuzu mostrou o revólver. Sentiu a situação encardir. Porém, não deu pra trás, nem engrossou. Deu a pala, não grudou, deixou andar. Se fechou em copas e meteu a fuça como tinham planejado (“Afobado come cru ou queima a boca”, 26/09/1999).

Bulhões (2007) enfatiza um ponto essencial da confluência de gêneros do jornalismo e da literatura: a narratividade. Produzir textos narrativos, ou melhor, que contem uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto jornalística. E a narratividade possui conexão estreita com a temporalidade, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado a outro. Além disso, é bom não perder de vista que a narratividade está intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade. Para MOURA (2008: 5):

O discurso jornalístico está, portanto, fora desta ordem de discurso, uma vez que a sua existência sepauta no regime de documentação da realidade. Ele depende intensamente de referencialidade, de um espelho de correspondências intrínsecas com a realidade que a linguagem não tem como garantir.

O autor Plínio Marcos busca, em algumas produções de fluxo semanal, que o homicídio por motivo banal desemboque em final trágico na história. A vivência na periferia da sociedade está presente no texto dele, e isso faz com que ele não tenha pudor em expor esse tipo de mazela. Na peça teatral “Dois perdidos numa noite suja”, de 1966, Tonho, tomado por um momento de desespero, mata Paco por não suportar as chacotas dele. Observamos que, com o tempo, a questão se torna irrevogável e desesperada, e o assassinato é a “única alternativa”. Na próxima crônica, “Uma história de amor”, depararemos-nos com um motivo corriqueiro novamente.

Não deu outra: uma vez passando o ferro na casa do patrão e ouvindo rádio, ela se tocou num samba que não lhe era estranho. “Dilma, minha gama preta* Eu juro que sou todo teu”, ouviu a Dagmar. A mulher se encabreou. Se entalhou. Não pôde mais consigo mesma. Transbordou de ciúme, pegou o revólver que o patrão tinha e bateu pernas atrás do Zé Boto. Quando Dagmar encontrou o Zé Boto, não regateou, nem nada. Meteu três balas no peito do sambista. Depois, caiu em prantos. Por fim, meteu um arrebite na própria orelha. (“Uma história de amor”, 29/02/1999).

Em termos mais práticos, a busca da confluência entre jornalismo e literatura, no que concerne à narratividade, acaba por atingir os gêneros narrativos em prosa. No horizonte da narratividade, é necessário indagar se as possibilidades de conexão ou acoplamento fazem algum sentido e quais sugestões analíticas podem disso resultar. Expor o chocante, ainda com a contribuição do diálogo, pode impressionar o leitor e, assim, fazê-lo acompanhar o texto até o término da história. O sofrimento humano está presente na narração do autor, tanto nas peças quanto nas crônicas, e o desespero causa um grande impulso nos personagens.

Assim sendo, comeram um bocado grande de capim pela raiz, até que, farto o Juca deu uma dura no Oscar.

- Olha, meu vê se tu larga do meu pé. Tu é positivo, mas eu gosto de ficar sozinho com a Ritinha. Se tu quer aparecer, aparece; mas não todo dia.

Como resposta, o Oscar sacou uma arma e, pra espanto do Juca, escancarou seu íntimo.

- Já que tu puxou o assunto, hoje vamos decidir quem vai ficar com a Ritinha: ou tu, ou eu.

Afobado diante da arma, o Juca quis contornar a desgraça que desenhou.

- Que brincadeira besta é essa, Oscar?

Só que não era brincadeira e o Oscar mostrou logo isso. Deu no gatilho e meteu um arrebite na testa do Juca. Ele já desabou estarrado; foi direto falar com Deus. Vendo o estrago que fez, o Oscar apavorou, e deu pinote. Por inveja, fizera a desgraça dos três. Não ganhou a Ritinha nem nada.

(“Uma história de subúrbio”, 25/07/1999).

3 Gêneros jornalísticos e literários no mesmo espaço

Quanto às realizações narrativas dos gêneros jornalísticos, o ponto primordial a ser destacado no livro de Bulhões (2007) diz respeito à reportagem, a qual pode ser definida como a forma desenvolvida da notícia. Ultrapassando o simples anunciar dos acontecimentos, a reportagem dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no entorno de suas motivações e implicações. Possui variantes de formato: mais descritivos, narrativos, expositivos ou dissertativos. A irrupção da reportagem na história do jornalismo, ocorrida no século XIX, se faz com evidência a um aspecto que a acompanharia desde então, tornando-se um traço importante do gênero: a necessidade do jornalista, do repórter, no palco das ações dos acontecimentos, trazer a voz de quem convive com os fatos. Para evidenciar esse comportamento, de convívio com o grupo de qual se fala, Plínio Marcos busca o teor de violência na linguagem:

- Que zorra! Trazer pixote em jogada dá nisso.

Porém, o Neguinho maneirou e deu destino pro Zico:

- Que nada, gente! O garoto é ponta firme. Vai ser matador. Na primeira vez que se apaga um pinta é assim mesmo. A gente vomita, vai na igreja rezar pela alma do desgraçado, tem sonho ruim, carrega fantasma pra lá e pra cá. Depois do segundo, não dá mais truta (“O Batismo”, *Jornal da Orla*, 10/10/1999.)

Com caminhos mais franqueados para o uso do recurso de reportar, abrem-se perspectivas favoráveis à presença de traços da literatura, sobretudo as provenientes do conto e do romance. No caso de Plínio Marcos, identificamos o conto em alguns casos:

De outra vez, o Corinthians estava jogando no Parque São Jorge contra o Jabaquara. O Almir Pernambuquinho, craque de seleção e metido a bravo, estava no time deles. Num lance meio esquisito, ele encostou o pé no Célio, do Jabuca. Garoto valente ali do Marapé, o Célio não afinou, revidou na hora. O Almir ficou louco de partir pra cima do Célio, ele saiu correndo, o outro correndo atrás. Aí é que não prestou pro craque do Corinthians. O Célio deu um pulo pra cima e mandou um pontapé na cara do

Almir. Mais um corinthiano que sai de maca pra não voltar pro campo durante o jogo (“Jabaquaradas”, 25/04/1999).

A coluna “Janela Santista” está presente em um espaço livre de que o escritor dispunha todos os domingos. Era uma seção que emitia juízos de valor de modo ostensivo. O próprio ato de selecionar fatos e “personagens” a merecerem registro já revela uma inclinação para o opinativo. Assim, pode-se dizer que a coluna tem fisionomia persuasiva. Segundo Bond (1962), ele produz um “coluna miscelânea”, ou seja, “foge ao padrão tipográfico convencional, misturando tipos; não se prende a nenhum assunto, incluindo uma grande variedade de temas” (MELO, *op. cit.*, p. 141).

Com a vida custando os olhos da cara do jeito que está, tem gente se agarrando em fio desencapado, matando cachorro a grito, jacaré a beliscão, fazendo qualquer negócio pra defender o feijão de cada dia. E isso já faz tempo... Por isso, não causa espanto a profissão escamosa de Onorino: ele vivia de matar macuco (“O pio do macuco”, 22/08/1999).

Identificamos no trabalho dele a presença da crônica de uma forma mais forte. Ao nosso ver, ele aproveita o seu prestígio para tratar de assuntos que não se relacionam diretamente com a exigência do factual. Ele parece não sofrer retaliações editoriais, pois, em alguns casos, o diagramador da página reduz a fonte do texto para comportá-las no espaço determinado. Esta subversão nos faz crer que, provavelmente, suas crônicas não eram reduzidas. A necessidade de relatar as suas histórias do passado fica evidente em trechos como este:

Nas comemorações da Semana Santa eu sempre sinto uma saudade imensa dos tempos em que era artista de circo. Nessa época, embaixo de qualquer lona, do melhor pavilhão ao pior mafuá, todos os circos montavam a Paixão de Cristo. Era um agito (“Paixão de Cristo em Mafuá”, 04/04/1999).

Soa estranho “descobrir” que o autor de peças desconcertantes sobre prostitutas, criminosos, párias em geral redescubra suas memórias de encenador de uma “Paixão de Cristo”, principalmente porque essas tradições estão se perdendo. Relembrar casos com esse mostra as origens difíceis de toda grande carreira. E parece que esse é o dado relevante desta crônica-memória.

Naquele tempo, a estréia no Teatro do Centro Português foi cheia de forrobodó: polícia, censura, uma proibição atrás da outra. Escoramos as broncas e aprendemos que respeito se conquista encarando as encencas. Tiveram que me engolir. Estão tendo que me engolir ainda, com casca e tudo, e será assim até o final dos meus dias (“Saltimbanco do Macuco”, 03/10/1999).

O teatro é um tema relevante nas crônicas de Plínio e não devia ser diferente, junto com a memória dos amigos que conheceu na trajetória artística. Os companheiros que enfrentaram a ditadura militar no Brasil e as dificuldades com a censura das peças recebem a gratidão do autor. Esses “personagens”, que frequentemente são citados, servem como testemunhas de um tempo resgatado com saudade pelo cronista:

Era meu amigo, amigo de quem também não levava a sério os pretensiosos, amigo de gente sem dinheiro, que não tinha oportunidade de trabalho para oferecer a ele. [...] O D’Aversa convidou um grupo de amigos pra ver a estréia na casa dele; eu estava lá, claro (“Alberto D’Aversa, um gênio” 20/06/1999).

Considerações finais

A missão do jornalismo é exigir das formas de expressão e passa a importá-las da literatura, adaptando-as, transformando-as. E, para essa tarefa, é sair ao real para coletar dados e retratar a realidade. Cada autor dá sua forma, com o seu estilo.

Segundo Antônio Cândido, a crônica moderna assume o ar de “conversa aparentemente fiada” em torno de questões aparentemente secundárias, não vinculadas ao espectro noticioso. Isso esteve bastante presente nos textos de Plínio no seu espaço do *Jornal da Orla*. O professor José Marques de Melo ressalta que: “isso constitui um momento de pausa, que reflete a tregua necessária à vida social”, objetivo na coluna “Janela Santista”.

É interessante perceber como a obra do jornalista-cronista-dramaturgo transpassa as fronteiras e os limites impostos entre os gêneros. Seu texto transita com eficiência entre campos opostos, utilizando-se das duas áreas e misturando-as, formando um estilo particular de contar suas histórias.

Nesta análise, é possível identificar as características do jornalismo - como o factual, as motivações dos personagens reais -, e do lado literário - as reflexões, os diálogos, os personagens criados. O nosso estudo procurou

realizar avaliações dos textos do autor estruturados por pilares teóricos que nos revelaram aspectos importantes para a compreensão da produção cronística de Plínio.

Seus personagens representam pessoas que passaram pelo nosso cotidiano. E estes formam a “matéria-prima” usada na construção da crônica. Tal recurso parece ser uma forma eficiente para atrair o leitor. O cronista transita por diferentes tipos de personagem, normalmente complexos em seus dramas e conflitos de natureza social.

Essa pesquisa visou a prestar uma contribuição para a reflexão a respeito do gênero crônica no contexto jornalístico brasileiro, tendo como ponto de observação e análise a produção cronística de Plínio Marcos. Além de documentar o percurso de nosso estudo, este trabalho presta homenagem ao cronista sempre despojado e às vezes polêmico presente nos veículos por onde passou: Plínio Marcos. Um cidadão que sempre lutou pela liberdade de expressão e por questões sociais.

No entanto, vale lembrar que não são considerações de caráter conclusivo. Aliás, o objetivo dessa pesquisa é um tipo de texto dotado de marcas discursivas analíticas, muitas vezes, com carga interpretativa, o que dificulta conclusões imutáveis sobre a crônica de Plínio Marcos.

Referências

- BOND, F. Fraser. *Introdução ao Jornalismo*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1962.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e Literatura em Convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2004.
- MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira de Ciência e Arte, 2003.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: EDUSP, 1965.
- MOURA, Sérgio Arruda de. A crônica: entre o campos literário e o campo jornalístico. *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 1-15, jul./dez. 2008.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Data de submissão: 17/02/2017

Data de aceite: 22/05/2017